

O
CARAPUCEIRO

17 DE NOVEMBRO
DE 1832



O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novère libelli
Parvè personis, dicere de vitiis,
Marcial Lav. 10. Epist. 33.*

Guardare nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERN. POR J. N. DE MELLO NA TYP. FID., R. DAS FLORES N. 17. — 1832.

OS CURANDEIROS.

Eu já disse (e he muita verdade) que Medicina, e Politica sao' duas sciencias, sobre as quaes todo o mundo dá a sua peugada. Muitas vezes o mesmo individuo, que não sabe a juntar duas silabas, que não sabe assignar o seu nome falla em Politica, que parece hum Benjamin Constant, ou Royer-Colard, e arrota sentenças fisiologicas, que mettem n'hum chinello o mesmissimo Broissais. Não há molestia por mais complicada, e recondita, que seja, que não encontre milhares de curandeiros, e curandeiras promettendo de as medicar da noite para o dia. Se me queixo de huma dor de cabeça, surge d'ali huma velha, que muitas vezes tao' bem serve de parteira, e logo me repete

huma la-lainha de mezinhas para dor de cabeça, todas prodigiosas, e quer applicar-me clisteis de-quanta erva contem o infinito reino vegetal.

Os emeticos mais drasticos, remedio, que atemoriza os Professores mais habéis, que só os receitao' em poucos casos, e extremos, sao' prodigalisados pelos curandeiros com huma sem cerimonia, verdadeiramente espantosa. He para ver o desempenho, e fresquidão, com que hum assassino destes de curiosidade tateia o pulso de hum pobre doente, sem saber o que he pulso, nem onde elle está, nem qual o seu estado normal, nem as variações dos temperamentos, e das diversas idiosincrazias, classifica as febres, chama lles causas, e não effeitos de enfermidades, manda botar ao doente a lingua de

tóra, e reduzindo as entranhas a outras tantas cloacas, decide, que está com o estomago sujo, e em consequencia tracta de o limpar, pespegando-lhe hum, dous, e mais vomitorios de tartaro, que alguns Botica-rios dao' sem receita de Facultativo, como se fosse cevada, ou agoa de flor.

A gente do Fovo, que acredita em duendes, e lubishomens, como nao' acreditará em mezinheiros? De balde alguma pessoa sensata lhe diz, que he imprudencia, e temeridade confiar a saude, e o bem mais precioso, qual he a vida, de maos inteiramente inabeis, e de pessoas estupidas, quando aquelles mesmos, que tem consumido annos, e annos no estudo da Anatomia, Fiziologia, Patologia, etc. etc., estao' errando a cada passo; porque as molestias, e suas causas sao' infinitas, e o uso clinico põe muitas vezes em embaracos inextricaveis as mais bem concebidas theorias: nenhuma destas considerações os empacha. Surge d'aqui huma mulher tonta, d'ali toma a palavra hum pascazio, e diz muito cheio de si,, Nao' sei lá disso. *Senhou Mané* nao' teve estudos, *Senhá Roza* nem sabe ler; porém qualquer delles tem huma queda para curar, que fazem milagres; nunca aprenderao'; mas tem muita pratica, e contra a experiencia nao' há argumento. ., E tirem-lhe lá hum cabello da vepta! Mas qual he essa experiencia? Que cousa he pratica de huma Arte sem nealuma theoria?

Muitas vezes a constituicao' de hum enfermo he tao' vigorosa, e favoravel, que luta com a molestia, e com os venenos do curandeiro, e sahe

vencedora: e como 'escapou o doente quasi por milagre, chamao' a estas bordoadas de cego a sua pratica, a sua experiencia: mas nunca se mettem em conta as inumeraveis victimas, sacrificadas pela impericia desses mezinheiros homicidas: o mal, he logo attribuido á falta de dieta, ao enfermo já estar muito passado, ou porque assim foi Deos servido, estava chegada a sua hora, e o pobrezi-ngo foi quem pagou a pratica, e mais a experiencia de Mané côco, Chico Piegas, e Comadre Benta. Por estas, e outras rasões eu nao' conheço officio mais desgraçado, do que o de Medico. Se o enfermo foi tractado por huma velha cristalleira, e ervanaria, e morre, ninguem se queixa da bruxa assassina. Deos, nosso Senhor, achou o em estado da sua graça, e lá o levou para si: mas com o Medico nao' há indulgencia, o Medico nunca tem, se nao' o demerito; por que se o doente escapa, nao' foi o Professor, que o curou, foi o Padre Santo Antonio, a quem se prometteo huma trezena, foi o glorioso Sr. Santo Amaro, a quem se fez voto de huma romaria, foi o Anjo da Guarda, forao' até as beindictas Almas do Purgatorio: porém se apezar de todos os recursos d'Arte, o enfermo succumbe; aqui d'ElRei; foi o D.^{or} Fulano, que o matou; por que a molestia era hum espasmo conhecido, e mandou-o sangrar; por que teve huma febre malina, e em vez de lhe dar Agoa Inglesa (que he fôgo em cima de polvora) para evitar a gangrena, encheo-o de bixas, deo-lhe agoas de cevada, e de arroz, e matou-o á fome.

Toda a parentella do defuncto, to-

das as Comadres, e conhecidas dao' o seu voto, e classificaçõ' a enfermidade. „ Olhe, minha Comadre, diz huma das carpideiras á lacrimosa viuva, mãi, filha, ou irmã, meu Compadre. que Deos haja, nao' tinha, se nao' huma *esbilitaçãõ*. O Medico foi saugrallo, e tirou-lhe todo o comer; que queria? Aquillo he hum cavallo: nao' eu, que o queira para a minha caza. Por que não mandou chamar *Sinhã Bertuleza*, a parteira? aquillo sim, tem mãos para curar as molestias mais perigosas. „ Outra já diz d'aqui — O defuncto na minha opiniao', o que teve foraõ' maleitas: se o Medico o vomita, está bem livre, que morresse. „ Nao' (diz d'ali hum pai Senhor, que tao' bem applica suas drogas medicinaes) nao': eu tomei o pulso ao doente, (Deos te falle n'alma) e logo conheci, que a molestia era huma malina sorrateira nas tripas. Se lhe botassem bastantes ajulas de cabacinho, e pregassem-lhe dous, ou trez purgantes de jalapa preparada; eu lhe afirmo, que nao' morria. De parte está hum Hypocrites encoberto, o qual, meneando com a cabeça, exclama muito sentencioso — Por que nao' deraõ' Le Roy a o defuncto? — Aposto, que nao' morria. —

Mas em que fui eu fallar? No Talisman de todas as enfermidades? No Pancresto prodigioso? Em hum remedio tao' mysterioso, que até goza dos mais nobres attributos do ser intelligente, isto he; de entendimento, e vontade; entendimento para conhecer, e distinguir os maus dos bons humores, confundidos, e mixturados no corpo humano, (que neste sabio systema vem a ser huma

sentina); e vontade para lhes intimar o mandado de despejo? Eu nao' quero pôr-me a travacontas com pessoa alguma: nao' sou Chimico, nem Medico para entender da virtude, ou vicio das drogas, que compõe os remedios: deixo isto para quem tem sua experiencia, e sua pratica, declarando ao mesmo tempo, que muito respeito aos purgantes, e vomitorios de Mr. Le Roy, e tanto os respeito, que sempre os quererei longe de mim em sinal da minha maior veneraçãõ. Pelo que, e o mais dos auctos rogo a aquelles, ou aquellas de meus respeitaveis Subscriptores, e Subscriptoras, que militao' nas bandeiras de Le Roy, nao' me tenham por antagonista do seu sancto remedio, que lhes faça bom proveito; por que cada hum costuma dizer da Festa conforme lhe vai nella.

Mas tornando a materia, eu já vi com estes que a terra ha de comer (aqui tenham os meus Leitores a bondade de apontar para os seus olhos) hum pobre homem verdadeiramente assassinado por huma dessas curandeiras, que ja tem a mao' assentada na sua pratica (de matar). A molestia era hum grande catarro, que provavelmente cederia a lambedores, a cozimentos adoçantes, etc.: mas a maldicta bruxa nao' esteve por isso: preparou huma tigella com huma beberagem do inferno. Compunha-se ella (ainda me lembra) de fuligem de chaminé, vulgarmente chamada *pu-cunãa*, mel de furo, agoardente, limão, e pimentas malaguétas. O doente teve a coragem de beber semelhante caustico. Mas o que aconteceu? D'ahi a poucas horas appareceo-lhe grande febre, que nao' ti-

na, ansiedade extrema, a lingua tornou-se mui' secca, e demasiadamente rubra, logo dor de hum lado, escarros de sangue, e no fim de quatro dias foi puchando para o outro mundo, graças á pratica, e experiencia da milagrosa mezinheira.

Que fatalidade! Que estupidez! Que miséria! Eu tremo, quando em qualquer enfermidade hum Professor passa a mao' da pena para receitar: e hei de ficar muito tranquillo, e tragar sem cerimonia qual quer beberagem, que me ensina hum ignorãte, que me acõselha huma mulher idiota, e credula, que se diz mezinheira? Pelos matos ainda he maior a desgraça. Por essas alturas todo o mundo he Medico, e Cirurgião, e tão avezada está essa gente a morrerem hums pelas mãos dos outros, que tem por grande infelicidade, quando eõsta, que algum esta tomando remedios de botica. Com ajudas de cabaciõho (que he hum drastico nada inferior á escambo-néa) com ajudas de guardiao', de alleluia, com vomitorios, e pürgas de jalapa, e de quatro humores, e ultimamente com Le Roy para toda a especie de enfermidade lá vao' morrendo a seu modo, e a seu gosto, e dizem muito enxutos, que taõbem na Praça se morre.

PROVERBIOS ARABICOS.

Em quanto muitos dos meus Collegas Periodistas só julgao' bom o

que vem de Franca, aproveitando desta, alias mui' respeitavel, Naçao', nao' só as maximas, e pensamentos, se nao' as mesmas frases, os mesmos ediotismos, as mesmas palavras, a mesma construcção, donde rezulta huma gerigonça, que se nao' sabe a que idioma pertence; em quanto os meus olhos já lerao' nas nossas Gazetas o engraçadissimo verbo *echuar* em vez de malograr-se, e a cada passo as palavras *arricre pensè* em lugar de pensamento occulto, manha, malicia, etc.; eu, que nao' obstante prezar muito a Litteratura Franceza, entendo, que nao' devo ser macaco, desejo escrever na minha Lingoa, e quanto mais a estudo, mais me encaita, e arre-bata. Todos os Povos tem seus Proverbios; por que a rasao' em toda a parte he a mesma; e certas verdades praticas estao' ao alcance de todo o mundo. Achei em hum livro estes Proverbios; e como me parecerao' mui' assisados, assentei de os ir communicando a trechos a os meus Leitores. Alguns desses proverbios irao' com as competentes reflexões.

„ O sabio em sua patria está como o ouro em sua mina „

— Quem monta no carro da cubiça terá por compañcira a miséria.

— O sabio conhece o ignorante; por que já o foi; mas o ignorante nao' conhece o sabio; por que nunca o foi.

— Se o ignorante he inimigo de si mesmo, como será amigo de outrem?

— Quem se mette nos negocios publicos navega pelo alto mar.

(Continuar-se-há.)

Pernambuco; na Typ. Fidedigna.